

VILÉM FLUSSER, ABRAHAM MOLES E ELISABETH ROHMER-MOLES

Rainer Guldin

Abraham André Moles nasce no mesmo ano que Vilém Flusser e morre apenas seis meses depois dele. Moles desempenha um papel central como amigo e interlocutor, sobretudo nos primeiros anos após o retorno de Flusser à Europa. A correspondência entre os dois dura quase vinte anos e vai até o início dos anos 1990.

Moles, doutor em Física e Filosofia, é docente na Escola Superior de Artes Gráficas de Ulm, onde Max Bense também trabalhou. A partir de 1966, Moles passa a lecionar na Universidade de Estrasburgo. Ele inventa, com Jacques Poullin, o morfofone, uma das primeiras câmaras eletrônicas de eco, e escreve o prefácio de *A Mathematical Theory of Communication*, obra de Elwood Schannon e Warren Weaver. Na época dos protestos estudantis de 1968, Moles é atacado com tomates por um grupo de estudantes situacionistas que querem interromper seu curso.

Em uma entrevista que concede em São Paulo em 1980, Flusser define Moles como seu amigo mais próximo desde seu retorno para a Europa em 1972: “ele é um judeu engajado e me reconduziu ao judaísmo”.

Em diversos aspectos, a obra de Abraham Moles se conecta à de Flusser. Junto com Max Bense, Moles pesquisa a estética da informação, influenciando Flusser por um longo período. Ele introduz um modelo de comunicação cibernética nas Ciências Humanas e, assim como Flusser, trabalha na fronteira dos discursos. Moles contribui de maneira essencial para o entendimento do *kitsch*, assunto sobre o qual Flusser também se interessa.

Em 1971, Moles publica *Art et ordinateur*, obra em que transporta a Teoria da Informação de Claude Elwood Shannon para a estética. Também o inspiram os trabalhos do *Oulipo*, círculo internacional de autores. Em 1972, Moles publica *Théorie des objects*, que Flusser lê e discute. Esse livro tem um papel importante na primeira publicação de Flusser em francês, *La force du quotidien* – em português, “O poder do cotidiano”.

Moles define a Teoria da Comunicação como uma metateoria que abrange as Ciências Naturais e as Ciências Humanas, de modo a possibilitar acesso global à realidade. Também nisso há afinidades com

Flusser. Felix Phillip Ingold relata que Moles é o único autor contemporâneo a respeito de quem Flusser se manifesta com total reconhecimento.

Edith e Vilém Flusser visitam Abraham Moles e sua mulher, Elisabeth Rohmer-Moles, primeiro em Paris e depois em Estrasburgo, para onde eles se mudam. Abraham e Elisabeth, por sua vez, visitam Edith e Vilém em Merano, e depois em Robion. Eles passam férias juntos. É uma amizade muito próxima e intensa, que não se restringe a Vilém Flusser e a Abraham Moles, mas aos dois casais.

A correspondência inicia-se no outono de 1970. No início, Flusser ainda escreve em inglês, e depois aos poucos em francês, mas de vez em quando volta a escrever em inglês, e em raros casos escreve em alemão, em especial quando se trata de esclarecer contextos complexos.

O forte vínculo intelectual e emocional que une os dois pensadores passionais mostra-se num relato de Fred Forest. Edith e Vilém são hóspedes de Moles e de Elisabeth. A comida esfria sobre a mesa. Flusser e Moles discutem com veemência. Edith os chama para a mesa de maneira enfática. Sem sucesso. Então, de repente, Moles deita-se no chão e Flusser, na pose triunfante do vencedor, coloca o pé sobre ele. Dessa maneira, ambos celebram a amizade como embate lúdico.

O caso explicita, ao mesmo tempo, um conflito problemático de gênero: os homens discutem de forma animada, enquanto as mulheres esperam. Em carta a Elisabeth, de 9 de abril de 1975, Flusser escreve o seguinte sobre Moles: “Abraham é por sua vez um espírito forte e polimórfico, produzindo uma atração vertiginosa que pode nos sugar. Se, no entanto, resistirmos, podemos chegar a uma fertilização mútua bastante excepcional”.

Essa produtividade intelectual extraordinária e recíproca é comparável àquela de Goethe e Schiller. “Espero que possamos retomar nossas animadas discussões”, escreve Flusser no dia 26 de janeiro de 1973, de Merano. Em 23 de janeiro de 1980, completa: “É um prazer discordar de você, especialmente quando o desacordo é profundo [...]. É um prazer porque a sua mente é tão arguta que eu acabo afiando a minha enquanto tento desafiá-lo”.

Entretanto, essas discussões prazerosas por vezes podiam passar do limite, como se depreende da carta de 10 de abril de 1973 escrita por Flusser a Milton Vargas. Durante as férias que ambos passaram juntos na ilha de Elba, ele fala de uma “discussão violenta” com Moles sobre uma teoria geral da percepção.

No dia 6 de agosto de 1973, Moles propõe a Flusser um encontro em Paris com o escritor judeu Georges Levitte (1918-1999), francês de origem ucraniana, para realizar um desejo acalentado pelo amigo. Com fina ironia, ele acrescenta: “acredito que ele aguarda a sua visita. Quem sabe vocês não poderiam sair juntos para um jantar e tentar não tomar a palavra um do outro, já que ambos são tão tagarelas e brilhantes?”.

Flusser escreve longo ensaio sobre a obra de Moles, publicado no final de 1973 na revista *Communication et Langages*, com o título programático “*La communication: une philosophie nouvelle?*”. Ele parte de uma contradição fundamental na obra de Moles: ela se impõe rigoroso limite formal, o que faz com que sua verdadeira originalidade se manifeste não nos temas, mas sim em seus procedimentos metodológicos.

Na descrição de Flusser, reconhecem-se certos aspectos, centrais para a sua própria obra e maneira de proceder. A abordagem fenomenológica de Moles é anti-metódica e assistemática. Ele não é um especialista. Tudo torna-se tema. O ser que vive [*Der lebendige Mensch*] e o mundo da vida [*und dessen Lebenswelt*] são o cerne de seu interesse. Toda forma de academicismo é portanto estranha. Sua obra mergulha em clima de constante perplexidade, a lembrar o Renascimento e os filósofos pré-socráticos. As coisas não são hierarquizáveis.

No universo de Moles, as coisas que nos condicionam se tornam importantes quando dizem algo às pessoas. Quanto mais importantes as coisas são para nós, mais próximas estão de nós. Isso vale também para as outras pessoas. O significado é portanto quantificado com base em um critério espacial. Assim como as coisas que atuam em nós, também o tempo não flui para o futuro, mas vem ao nosso encontro. Nesse universo centrado nas pessoas e em suas relações com outras pessoas, somos nós os autores do nosso mundo.

Flusser interpreta a abordagem de Moles em um sentido existencial, como expressão de uma *atmosphère post-kafkaienne*, determinada pelo sistema e pelo aparelho: “O problema fundamental da minha existência no mundo é como viver uma vida digna do nome com o sistema, este é o problema levantado por Kafka. E este novo tipo de ciência é de alguma forma uma tentativa de responder às perguntas desesperadas de Kafka”.

Para Moles, o mundo atua como um sistema de mediação entre mim e os outros, enquanto a Teoria da Comunicação encarna a ciência que abarca todas as outras teorias possíveis: “Moles recupera [...] a tradição religiosa judaico-cristã, orientada na direção do outro. [...] Neste sentido, Moles é, afinal, mais revolucionário do que a maioria dos que afirmam estar politicamente envolvidos em uma revolução”.

O período mais intenso da amizade entre Flusser e Moles são os anos entre 1972 e 1976. Depois desse período, diminui a frequência das cartas. Às vezes há longos intervalos em que os dois não se visitam e não se falam. Ainda em 1979, no entanto, Edith e Vilém consideram se deveriam fazer uma visita a Abraham e Elisabeth, antes de sua saída definitiva de La Font Chaude.

Em meados de dezembro de 1981, Flusser envia a Moles uma tradução francesa de *Pilpul* a ele dedicada, um dos textos-chave da obra de Flusser e de seu particular relacionamento com a tradição judaica. A origem judaica também une Moles e Flusser. O método de pensar combativo do *Pilpul* consiste em cercar um tema central para assediá-lo e atacá-lo por todos os lados possíveis. “Esse método”, escreve Flusser

na carta que acompanha o livro, “eu conheço bem, é o meu próprio método. Eu o encontro em Freud, Marx, Husserl e em meu amigo Moles. É a dinâmica do pensamento talmúdico, uma dança ao redor de um tema de que se gosta, do qual se aproxima e novamente se distancia. Uma dança na qual sempre se colide com o pensamento de outros. Por meio do absurdo em direção ao indizível, de Hiob a Kafka”. Na mesma carta, ele o convida, como o havia feito quase dez anos antes, para a Bienal de 1983.

Nos anos seguintes, a amizade dos dois é colocada à prova, sobretudo em razão do sucesso arrebatador de Flusser na Alemanha. Em uma carta de 13 de novembro de 1983, escrita em Robion, Flusser constata que os dois há muito tempo não mais se escrevem, e que a última carta de Moles é endereçada ainda para Peypin d’Aigues, de onde eles já tinham se mudado há anos.

Vilém Flusser é convidado por Peter Dimke para uma discussão plenária [*Podiumdiskussion*] na Faculdade de Artes Plásticas de Hamburgo, e então viaja, via Hannover, para Bielefeld. Seu mais recente livro, *Für eine Philosophie der Fotografie*, vem sendo discutido de maneira acalorada. Flusser se torna membro do Centro de Pesquisas Interdisciplinares e conta para Moles que o acontecimento lhe parece por demais ambivalente, considerando todas essas honras exageradas justo nas proximidades de Bergen-Belsen (o campo de concentração em que morreram Anne Frank e sua irmã).

Ele visita o campo: o confronto entre sucesso e luto é marcante.

Uma carta que escreve no dia anterior a Alex Bloch apresenta essa difícil situação como tema e acrescenta outra dimensão à questão:

Fui celebrar na Alemanha. Meu livro, *Für eine Philosophie der Fotografie*, foi discutido em Hamburgo, na Faculdade de Artes, como se fosse um clássico. Em Bielefeld, dei uma aula aberta na Faculdade de Ciências Humanas [...] e o decano considerou a minha palestra como um evento histórico. A Academia de Estudos Interdisciplinares de Hannover me indicou para o Prêmio Goethe. No trem para Paris não consegui dormir, até que ouvi uma voz lá de fora dizer, *attention au depart*. Assim voltei a ser gente de novo. Apesar disso (é inacreditável) me senti na Alemanha como um rei, e as pessoas me pareceram abertas e interessadas. Eu disse em todos os lugares, sem motivo algum, que eu era judeu, até que percebi que isso me “ajudava”. Todos passaram a ser ainda mais amigáveis comigo. Então mantive a minha boca fechada.

Cinco anos depois, no entanto, acontece uma briga violenta, e a partir daí a relação entre os dois casais não se restabelece mais.

Em carta datada de 29 de janeiro de 1988, Flusser conta que o ensaio elaborado por Moles para ser prefácio do livro *Vampyrotheuthis infernalis* será publicado na revista alemã, *KulturRRvolution*, de orientação

de esquerda, vinculada ao Partido Verde. Como reação à queixa de Moles de que seu trabalho é relegado ao esquecimento, Flusser escreve: “de acordo com o Talmude, nós somos responsáveis pela imortalidade de outros, ao mantê-los em nossa memória. Esteja certo de que você é 'imortal', na minha memória e em tudo o que estou transmitindo para a memória de outros”.

No dia 30 de abril, ele escreve a Moles, desta vez em francês: *Vous me manquez intellectuellement, mais aussi sentimentalement* – em português, “sinto sua falta intelectualmente, mas também emocionalmente”. Na carta, ele pergunta se pode lhe dedicar o texto “*Urbanität und Intellektualität*”, que surgiu como resposta a texto anterior de Moles e seria publicado pela editora Fischer. Ele também gostaria de citá-lo, embora não goste de citações: considera-se fiel a Kant, que disse de Göttingen: “a cidade dos citadores ruminantes”.

No dia 3 de maio, Elisabeth é quem escreve uma carta datilografada de várias páginas, a primeira deste tipo. Moles está no México na ocasião, mas esse não é o motivo principal para que sua mulher assuma a tarefa. Como amigo, ela escreve, Vilém deveria ter cuidado mais dos textos de Moles, por meio, por exemplo, de uma mediação com a renomada editora Fischer. Repetia-se o que já havia acontecido na introdução ao *Vampyroteuthis infernalis*: Flusser encomendara e aprovava o texto na ocasião, mas não se empenhara o suficiente para que o texto fosse incluído no livro. Em vez disso, ele o publicou em uma revista de segunda categoria. Como amigo, continua Elisabeth, não se deve fazer o outro acreditar que alguma coisa será feita, se não for feita de fato. Moles sente muito por não conseguir publicar, sobretudo na Alemanha. Flusser poderia ter ajudado a contornar os obstáculos. Ela sabia que Flusser era contra citações, mas Moles preferia ser citado a ser ignorado, em especial no espaço cultural alemão. Por isso, conclui: “sei que você é sentimental e não vai gostar desta carta, mas eu tinha que escrevê-la”.

Flusser responde à carta: “Escrevo em alemão para melhor me expressar [...]. Sua carta [...] caiu feito um raio vindo repentinamente de um claro céu azul”. Flusser esclarece que não tem qualquer influência sobre a editora Fischer: “se eu citasse Abraham, então teria de citar também outros autores, e com isso a dedicação a Abraham teria de ser reconsiderada”. Ele havia falado com diversas pessoas sobre a introdução, e todos concordavam que o livro como um todo “tinha sofrido uma redução ali. Isso eu não posso permitir”. Por causa de Moles ele rompe com o editor da *Artforum*. Felix Philipp Ingold e um grupo que reúne Lyotard, Baudrillard e Virilio também teriam, do mesmo modo, recusado sua contribuição:

[...] as pessoas com as quais converso sobre fotos não concordam com a visão de Abraham, e aqueles que o seguem não conversam a respeito do assunto comigo. [...] Concordo plenamente com você que silenciar (sobre o) seu trabalho é um escândalo. Ele é um dos mais importantes pensadores. [...] há uma lacuna em seus textos entre intenção e expressão escrita (e isso é ainda mais forte em alemão e em inglês do que nos textos originais). A intenção dirige-se ao aspecto existencial, e a expressão escrita ao aspecto acadêmico, e ele fica no meio

do caminho. Para os acadêmicos, ele não é suficientemente científico, e, para os outros, ele é muito científico. O resultado é um desentendimento colossal, que eu me esforço para esclarecer em todos os lugares.

As críticas a Abraham Moles lembram de perto as críticas à obra do próprio Vilém Flusser, que se mostra surpreso com a palavras de Elisabeth: “amizade é uma coisa rara e valiosa. No caso de Abraham, é ainda uma coisa extraordinariamente enriquecedora. Mas eu não sinto que não se deve 'merecê-la'. Quando se começa com justificativas (como fiz nesta carta), ela fica estremecida”. Diante de uma amizade, não se deveria contabilizar as coisas: “Abraham, assim como eu, está ficando velho, e deveríamos ser um pouco mais esclarecidos”. Flusser insiste em um encontro em breve, para que não deixem que as coisas fiquem daquele jeito.

No dia seguinte, 7 de maio, depois de uma conversa telefônica agitada com Elisabeth, Flusser escreve uma segunda carta, desta vez para Moles. No começo da carta, talvez para distensionar a situação e seduzir Moles do quanto ele era importante como interlocutor, Flusser compara a amizade entre eles com o diálogo entre Hiobs e Ulisses, na última cena de *Angenommen*. Ele não continua a falar sobre as responsabilidades que Elisabeth lhe atribuiu, mas sim escreve sobre assuntos que os conectam: o *kitsch*, a América Latina, o novo lumpesinato e o nojo, e demanda de Moles um posicionamento a respeito. Ele sabe que desde o início os dois quase sempre não concordavam, mas ele sabe também que ambos compartilham a mesma atitude diante da vida: “Em seus textos você diz coisas que considero perigosas [...]. Mas você, como pessoa, em sua nobreza e pureza, é um protótipo daquilo que eu chamo de um filósofo”.

Duas semanas depois, chega a carta de Moles, que revela como ele se sente ofendido e decepcionado e, ao mesmo tempo, em que silencia muitas coisas relacionadas ao seu próprio insucesso editorial e à celebridade crescente de Flusser. Abraham apoia as posições de Elisabeth, porque ela expressa o que o incomoda na amizade dos dois, mas que ele próprio jamais diria. Teriam Elisabeth e Abraham Moles discutido antes o posicionamento dela e aguardado a hora certa para falar?

O comportamento de Flusser, sua ausência de lealdade, escreve Moles, coloca em questão a sua amizade de longos anos. Ele quer saber por que razões Ingold e todos os outros o rejeitam. Como pôde Flusser deixar-se ser influenciado pelos outros e não aceitar o prefácio que ele, Abraham, escreveu para o livro *Vampyroteuthis infernalis*? Moles estranha que isso tenha acontecido, por conhecer Flusser como uma pessoa de forte personalidade. Surge, pois, a questão: será que Flusser agiu de forma oportunista, em busca apenas de seus próprios interesses pessoais?

Entretanto, o final da carta de Moles parece buscar alguma conciliação: “Como sei que você tem uma natureza impulsivamente generosa, penso que as coisas se arranjam por si mesmas, mais tarde”. Nessa

oportunidade, ele acrescenta, não se trata apenas da relação dos dois, mas sim também da opinião de Elisabeth.

Em carta datada de 5 de junho, Flusser propõe que todos se encontrem ou em Estrasburgo, ou na casa do filho Victor, que mora nas proximidades. Flusser não quer mais se expressar por escrito sobre o conflito, mas faz uma longa reflexão sobre a diferença entre uma amizade comum e uma amizade especial. Se Abraham e Elisabeth o acusam de ser um amigo desleal, ele encara a situação de sua maneira: “[...] sem dúvida vocês têm boas razões para fazê-lo, mas eu as ignoro”.

Com essa declaração, Flusser se recusa a entrar em detalhes sobre as acusações levantadas sobre ele. Em vez disso, ele menciona a amizade de longos anos com Alex Bloch, que desmorona naquele mesmo ano. A tensa relação entre Flusser e Bloch explica-se porque ambos os interlocutores discordam em muitas coisas e com frequência se tornam verbalmente violentos. No entanto, ou por causa disso, permanecem ligados um ao outro.

Mas existem outras questões paralelas sobre as quais Flusser não fala. Bloch e Flusser rompem sua amizade porque Bloch não quer ou não consegue aceitar o sucesso de Flusser na Alemanha. E é esse ponto de atrito, em última análise, o fator decisivo também na desavença com Moles. Esse motivo manifesta-se de modo claro em carta que Moles escreve dois anos depois, no dia 7 de setembro de 1990. Nela, Moles volta a falar de sua decepção por ter perdido a oportunidade de publicar na Alemanha, e isso apesar de carta anterior, e bastante conciliadora, que escreve do México e na qual agradece a Flusser por ter afinal incluído a sua introdução ao *Vampyrotenthis infernalis*, em uma excelente versão alemã, numa edição comemorativa sobre a obra de Flusser, publicada em 1990. Talvez como tentativa de reconciliação, Flusser incluíra na folha de rosto uma referência ao texto de Moles: “Ao assumir esse texto no jogo dos ensaios que lhe concernem, você desfaz a quebra da amizade”.

No entanto, algumas semanas depois, Moles considera inaceitável o fato de Flusser não demonstrar gratidão por seu sucesso retumbante na Alemanha, mas, bem ao contrário, sempre se expressar de forma negativa sobre o país, a ponto de menosprezá-lo. Ele até entende esse amor e ódio, mas não o perdoa.

Moles toca no problema que marca os últimos dez anos da vida de Flusser. O sucesso tardio não acontece nem no Brasil nem na França, mas sim no país cujo regime antigo exterminou a sua família e o forçou ao exílio. Trata-se de uma dolorosa contradição, da qual Flusser é consciente. Talvez por esse exato motivo ele escolha morar em Robion, na França. Assim pode se recuperar do sofrimento psicológico causado pelo seu ambivalente sucesso, no “país dos bárbaros horizontais”, como define Alemanha em seu primeiro livro, *Das Zwanzigste Jahrhundert – O século XX*.

Entretanto, na carta de 5 de junho já mencionada, Flusser entra em detalhes sobre sua relação “muito íntima” com Miguel Reale, que o protege no tempo da ditadura militar ao mesmo tempo que lhe traz

alguns problemas, reclamando de não ser citado corretamente. Reale, no seu livro de memórias, de fato cita Flusser, mas não menciona sua ideia central de uma transição de época de uma cultura de escrita linear para uma cultura zero-dimensional de imagens sintéticas. Ora, “para mim, esta é uma prova de que Reale e eu nunca fomos amigos”.

A prova parece bastante polêmica, mas talvez advenha do mesmo sentimento de orgulho ferido que afetou Abraham Moles. De todo modo, a amizade, para Vilém, é a capacidade de perceber no outro a essência: “Talvez eu esteja confuso, mas o que quero dizer é o seguinte: a sua 'forma mentis' (seus pensamentos, sua comportamento, a sua presença no mundo) faz parte de mim mesmo. Eu a combato dentro de mim mesmo. Eu não desejo me separar dessa dimensão que se tornou minha. Não é uma questão de 'gratidão', ou obrigação, mas uma questão de ser”.

As últimas cartas esclarecem o quanto o sucesso de Flusser na Alemanha fere a amizade entre ele e Moles. Isso também pode ser lido nas divergências que se explicitam em cada argumentação, sintomáticas da distância crescente entre eles. Moles pergunta-se, com propriedade, se o sucesso intelectual de alguém – isto é, de Vilém – pode ser considerado uma catástrofe. Ele considera que o destino é favorável a Flusser, mas restam a amargura, o remorso, assim como a decepção. A não inclusão do seu prefácio ao *Vampyroteuthis infernalis* o faz perder uma grande oportunidade, ainda mais quando se leva em conta o reconhecimento crescente de Flusser em território de língua alemã.

Abraham não leva a sério as repetidas afirmações de Flusser de que o destino de seus textos na verdade não o interessa: “Mesmo assim, vejo-o muito honrado por ser convidado para Hofburg [...] nenhum intelectual é realmente indiferente ao impacto de seus escritos [...] todos os intelectuais querem que suas idéias funcionem como alavancas do mundo e devem se reconciliar com sua indiferença, para continuar a viver no mundo”.

Flusser não discute os argumentos de Moles e minimiza a importância do sucesso. Em carta de 30 de setembro de 1990, ele escreve que jamais quis comprometer a amizade entre eles: “Acho embaraçoso falar disso. Creio que basta lhe dizer que de modo algum eu dou à publicação o mesmo valor que você parece dar. O livro *Vampy* vendeu pouco (o que lamento por causa de Louis Bec) [...] Por favor: esqueça disso. [...] Eu publico para falar dos meus textos com [...] amigos. Agora, se eles são impressos, vendidos e comentados (ou não), esse é o passo seguinte, que já me diz menos respeito. [...] Eu vivo porque a vida com Edith me traz alegria, porque sempre estou experimentando e aprendendo alguma coisa, porque existem pessoas como você, com as quais posso conversar, e porque já venho vivendo mesmo. Mas eu não tenho medo do não-publicar, do não-escrever, e nem da morte (sobretudo do morrer)”.

Flusser tenta salvar a amizade com habilidade, mas, numa carta ao outro amigo, Fred Forest, que ainda comentaremos, ele admite com franqueza que o sucesso desencadeia conflitos internos violentos e

difíceis de conviver. Na conclusão da carta a Moles, ele explicita o papel da Alemanha e da França na sua vida:

E isso me traz para o seu problema 'Alemanha'. Eu 'por acaso' nasci no idioma alemão em Praga [...] Por isso, acho que é relativamente fácil falar e publicar lá. [...] Isso não muda o fato de para mim ser impossível esquecer o que foi feito com o meu povo (sem, claro, responsabilizar individualmente as pessoas de hoje por isso). E isso também não muda o fato de que algumas vezes eu prefira escrever em inglês e em português, em vez de escrever em alemão, e que nessas ocasiões eu pense de modo totalmente diferente. E isso me leva ao problema 'França': chegamos muito tarde para dominarmos o idioma, e por isso eu penso aqui como um estrangeiro. Não moro na França, mas sim em nossa casa, com poucos amigos (entre os quais queira Deus que estejam você e Elisabeth).

Até pouco antes de sua morte, Flusser e Moles ainda se correspondem algumas vezes, mas a relação com Elisabeth se rompe sem remédio. O seu comportamento não teria mudado, escreve ela em uma carta de 17 de dezembro de 1990: “Esqueça tudo sobre mim: você terá de pensar em alguma possibilidade de rever Abraham”.

Em dois ensaios que Flusser redige no final dos anos 1980, na época da crise dessa amizade, encontramos ambivalências e contradições fundamentais documentadas, mas também algo como um desejo de reconciliação.

Em 1987, Flusser traduz para o alemão o ensaio “De fotografáveis”, escrito por Moles em 1977. Ele escreve que mastiga o texto palavra por palavra, o que lhe causa dores de estômago. Tenta se contrapor ao discurso e à resposta de Moles ao recorrer ao lema de Heráclito, *polemos pater panton* – a batalha é o pai de todas as coisas. Flusser opõe o *homo historicus* ao emergente *homo photographicus* de Moles, e a máquina datilográfica à câmera fotográfica. Ele censura no procedimento de Moles a dubiedade de sua classificação, e também a tentativa insuficiente de se lançar fora das categorias fotográficas, ou seja, de jogar contra o aparelho. Fotos não são apenas cópias de algo, mas sim sobretudo modelos de vida:

A diferença entre nós está no acento: ele acentua outra coisa, diferente do que eu sublinho. Mas: é o acento, a entonação (a “atmosfera”) que caracterizam uma visão de mundo. [...] Moles observa as coisas com o microscópio, e faz um *close reading*. Eu vejo panoramicamente. E na verdade eu faço isso na esperança de poder estar “sobre” as coisas. O meu método soa mais elegante, mas o dele é mais pormenorizado. [...] ou panorama ou mosaico (ou “onda” ou “núcleo”, ou Heráclito ou Demócrito), sendo que os dois ao mesmo tempo não funcionam. Não se pode querer acoplar um telescópio a um microscópio. Mas ambos são necessários.

No artigo “*Problems with Moles’ concept of freedom*”, em português “Problemas com o conceito de liberdade de Moles”, Flusser discute o texto do amigo intitulado “*Le Ghetto des Intellectuels et le Mythe de l’Humanisme (12 idées sur les Intellectuels et leur rôle)*” – em português, “O gueto dos intelectuais e o mito do humanismo (12 ideias sobre o papel dos intelectuais)”.

Para Moles, os intelectuais vivem em um gueto isolado por muros, comparável a um zoológico ou a um harém. Eles pagam sua liberdade com a irresponsabilidade e com uma existência dependente do aparelho administrativo. Embora enfatize que a descrição de Moles captura aspectos essenciais da existência intelectual, Flusser o contradiz com firmeza. Segundo o filósofo brasileiro, o principal objetivo da liberdade é a criatividade de produzir informações novas. Mas isso é possível apenas quando a gente se volta contra os limites estabelecidos, e quando se consegue ultrapassar os muros dentro dos quais se encontra trancafiado: “Para ser livre é preciso se arremessar, uma e outra vez, contra todos os cercos [...] para se chegar [...] além de todas as fronteiras e limites”.

Liberdade não é um estado, um espaço livre, uma quadra de jogo, mas sim uma atitude, uma decisão, que sempre deve ser renovada, que precisa ser reconquistada a cada dia: “É um ato de negação, antes de ser um ato de afirmação. [...] O ato de criação começa com uma negação de condições, de determinações, de limites. Começa com uma decisão de ser livre”. E arremata com frase anarquista: “Não pode haver modo de negociar com aqueles que estão no poder: é preciso se livrar deles”.

Na conclusão do ensaio, após se distanciar de Moles, Flusser dá uma guinada e evoca a distinção entre conteúdo e estilo em “*La communication: une philosophie nouvelle?*”. Ele aponta para a contradição entre uma argumentação, baseada em um conceito de liberdade reificado e estático, e uma visão, capaz de destacar os problemas, o sofrimento e a vida, isto é, capaz de estabelecer um conceito existencial de liberdade. Essa contradição implícita, prossegue Flusser, pode ser encontrada na maioria dos escritos de Moles.

Flusser recorre a uma curiosa estratégia, a da apropriação mascarada do outro, a da subsunção do pensamento do outro a seu próprio pensamento. Ele repete com diversos amigos próximos, como faz com a companheira de Alexandre Bonnier, Jeanne Gatard.

Flusser enxerga Moles como conservador nos argumentos, mas como revolucionário nas visões que emergem desses mesmos argumentos: “O compromisso de Moles com a liberdade não é encontrado em seus argumentos, mas em suas visões. E aí não se pode fazer nada a não ser aceitar a mão que Moles está nos estendendo como um irmão e um professor. [...] Pode ser que a chave que acredito ter encontrado não seja a certa. Nesse caso, vamos discuti-la. Mas, de qualquer modo: ao tentar decifrar Moles, eu fui contra um dos maiores pensadores vivos atualmente”.

A solução interpretativa de Flusser também pode ser lida como uma tentativa de, em nome do diálogo amigável, aceitar o outro, apesar da diferença fundamental de opinião.